

INFLUÊNCIA ADOLESCENTE, REBELIÃO E  
SUBMISSÃO NOS ESTADOS UNIDOS E  
ALEMANHA: PADRÕES DE MATURIDADE  
POLÍTICA

ROBERT E. LANE

Departamento de Ciência Po-  
lítica. Universidade de Yale,  
New Haven, Conn.

O problema de que trata êste trabalho é o seguinte: Como pode um sentido de apropriada influência na adolescência, ou a sua falta, afetar a vida política de uma pessoa nos Estados Unidos e na Alemanha?

Seria pretensioso dizer que há uma teoria desenvolvida para guiar a pesquisa neste sentido; o que se dispõe é de um conjunto de idéias, algumas delas muito ligadas ao bom senso (da maneira como se moldou em recente psicologia), que têm base na formação de caráter e na expressão política. Mas estas idéias conduzem a diferentes direções, tanto com respeito a participação como companheirismo, assim:

Com respeito a sua participação na vida política, o adolescente que cresce sentindo que é apropriadamente influente na sua família:

- a) adotará normas políticas de seus grupos sociais, isto é, êle participará dos mesmos modos e na mesma extensão que os membros dêsses grupos (êste é o significado de "ajuste"); ou,
- b) terá uma fôrça interior e confiança própria para procurar posições de liderança e ser mais do que

normalmente ativo no serviço dos seus interesses e ideais políticos.

Com respeito ao companheirismo, êle:

- c) adotará posições grupo-modais, evitará extremismo e deviance e trabalhará dentro da tradição política dos membros do seu grupo; ou
- d) transcenderá os limites da tradição do seu grupo em uma das direções (esquerda ou direita), assim seguido mais suas próprias convicções, do que as convicções do grupo; ou,
- e) tenderá ser mais liberal que outros do seu grupo, baseado em que a posição liberal usualmente abrange o bem-estar de um grupo maior, seguindo seu preceito central, igualdade.

Se o ingrediente central diferenciador é o amor-próprio no caráter do adulto que, mais do que outros, acredita que êle na verdade teve influência como adolescente, dificilmente poder-se-ia dizer em bases teóricas de que modo o amor-próprio se expressaria na vida política.

Ou vejamos o rebelde, a pessoa que sentiu ter pouca influência na adolescência e se ressentiu disto, neste sentido se rebelando contra o padrão de autoridade e domínio paterno — como expressará êle isto na vida política? teòricamente podemos esperar qualquer um dos seguintes padrões, ou talvez uma vacilação na escolha de um dêles.

O adolescente que cresce sentindo que teve pouca autoridade em sua juventude, e ressentido êste fato, seguirá uma das seguintes participações padrões:

- a) torna-se hiperativo na política para consolar seus sentimentos de desvalorização e para demonstrar que êle afinal de contas é uma pessoa importante e poderosa; ou,

- b) torna-se politicamente inativo porque nunca teve a experiência da influência, não apreendeu as habilidades necessárias, não tem noção que pode controlar os acontecimentos; ou,
- c) torna-se modal e compulsivamente conformista em todas as coisas, seguindo as linhas do seu grupo social, e participa exatamente de acordo com as normas sociais como ele as compreende.

E ele adotará uma das seguintes condutas (direcionais) de companheirismo:

- d) escolhe posições políticas em divergência daquelas de tradição paterna, virando-se para a esquerda, se eles são direitistas, ou para a direita, se são esquerdistas;
- e) escolhe posições políticas que são de divergência nacional, selecionando autoridades nacionais como seus alvos de preferência a grupos imediatos de líderes e grupos convencionais; isto implica um estilo mais extremista e talvez destrutivo; ou,
- f) procura restaurar seu sentido de valor e importância prejudicado na adolescência, pela adoção de uma atitude modal e conformista de companheirismo dentro da qual ele anseia por reconhecimento, poder e afeição como explicado no parágrafo acima.

Ou, finalmente, vejamos a pessoa submissa, uma que sinta que teve pouca influência na adolescência e que esta falta de influência era o estado de coisas apropriado. Superficialmente, ao menos, ele não se ressentido desta situação. E sua vida política?

O adolescente que cresce setindo ter tido pouca autoridade em sua juventude e aprova esta situação baseado

em que o adolescente não deveria ter influência, adotará, primeiro, um dos seguintes padrões de participação:

- a) torna-se conformista e participa modalmente, fazendo nada mais nada menos o que se espera dele; ou,
- b) continua com seu padrão de submissão, deixa outros se encarregarem do problema de votar, falar de política, seguindo os acontecimentos distantes etc.

E um dos seguintes padrões de companheirismo:

- a) torna-se um conformista da tradição política do grupo social da família; ou,
- b) se seu próprio grupo adulto social difere do grupo de sua família, adota a opinião política do seu próprio grupo, ou algum compromisso entre êles; ou,
- c) devido algum ressentimento pela inibição da autonomia na juventude embora abertamente negado, pode se corroer e procurar se expressar, tornar-se cínico, hostil, e politicamente alienado.<sup>1</sup>

Há razões mais ou menos substanciais para acreditar em qualquer um desses padrões (assim, qualquer conclusão será sujeita à argumentação de que isto é apenas o que o bom senso nos diria em primeiro lugar) e, na verdade, a mais sensível consideração pode bem ser a de presumir que as posições estabelecidas dos três tipos de reações de influências do adolescente mencionadas são demasiadamente embotadas para uma análise útil. Cada

---

1) Há, é lógico, uma quarta possibilidade: uma pessoa pode sentir que teve demasiada autoridade ou influência ou "liberdade" na sua juventude. Não é uma opinião tão rara como possa ser imaginado, mas suas implicações são tão complicadas e sutis que não desenvolveremos esta idéia aqui.

uma delas pode ser a condição necessária para o comportamento indicado; para um prognóstico precisa-se saber mais. É lógico que seria melhor saber mais, e para análise mais refinada é essencial que isto aconteça; no entanto pode haver tendências sumárias, um tanto enfraquecidas por correntes cruzadas, as quais cada um desses estados adlescentes podem refletir. Pelo menos muitas pessoas pensaram assim,<sup>2</sup> e vale a pena fazer um exame mais profundo.

#### MÉTODOS E CUIDADOS

Estamos falando sôbre como uma situação em um estágio da vida de uma pessoa afeta seu comportamento posterior, neste caso o comportamento posterior tem lugar desde alguns anos depois até o período de cinquenta e cinco anos mais tarde. Há dois modos de procedimento: o melhor processo é obter e registrar as experiências da juventude na época em que elas ocorrem e observar como as pessoas estudadas se comportam depois de cinco, dez ou mais anos — êste estudo é chamado o estudo longitudinal. Não podemos fazer isto, pelo menos por enquanto. O outro processo é selecionar pessoas em vários estágios de suas vidas e questioná-las sôbre as suas experiências da juventude. Como é bem sabido, há graves inconvenientes neste método: as lembranças das pessoas são falhas, muitas vêzes distorcidas sistemáticamente por algum preconceito irrelevante; um mau relato da infância pode evitar frustrantes experiências posteriores; pais podem ser acusados injustamente ou se beneficiar de um impulso convencional de dizer apenas coisas boas sôbre pais e família etc. No entanto, desde que as perguntas sejam importantes, e outros métodos não estejam imediatamente

---

2) Veja RUSSEL MIDDLETON e SNELL PUTNEY, "Expressão Política da Rebelião Adlescente", *American Journal of Sociology*, 68 (1963), pp. 527-535; Eleanor E. Maccoby, Richard E. Matthews, e Anton S. Morton, "Juventude e Mudança Política", *Public Opinion Quarterly*, 18 (1954), pp. 23-29.

disponíveis, o relatório retrospectivo é muitas vezes usado. êste método retrospectivo serve como a base para o estudo que se segue.

Em 1959 e 1960 Gabriel Almond e Sydney Verba providenciaram para que organizações responsáveis de pesquisa, em cinco países, entrevistassem um grupo de 1 000 indivíduos, em cada país, numa série de assuntos relativos a padrões de cidadania. Incluídas nestas pesquisas havia perguntas sobre a participação política (votação, acompanhamento de interesses públicos no meio em que viviam, discussões políticas, participação e liderança de várias associações voluntárias) sobre atitudes em face de vários atos governamentais, sobre métodos preferidos de influência, se algum; sobre várias opiniões mais generalizadas da natureza humana, sobre padrões de companheirismo; e, o que é importante para nossos propósitos, reminiscências de influência e vida em família na adolescência (16 anos). Êstes autores interpretaram seus dados obtidos em *A Cultura Cívica*<sup>3</sup> e generosamente tornaram seus dados obtidos acessíveis em cartões distribuídos através o Consórcio Interuniversitário para Pesquisa Política. São êstes dados que eu uso para a análise que se segue dos padrões dos Estados Unidos e Alemanha.

#### A TIPOLOGIA E SUA VALIDAÇÃO

Como devemos isolar aquêles que eram, ou retrospectivamente, sentem que eram, apropriadamente influentes como adolescentes, aquêles que não eram e se ressentem disto, e aquêles que não eram e aceitam esta falta de influência como apropriada? Há duas perguntas nestas pesquisas culturais que nos guiarão:

“Quando você estava crescendo, digamos quando você tinha cêrca de 16 anos, qual a influência que

---

3) PRINCETON, N. J.: Imprensa da Universidade de Princeton, 1963.

você se lembra de ter nas decisões de família concernentes à sua pessoa? Você tinha muita influência, alguma, ou nenhuma absolutamente?”

“Em geral, quanto de voz ativa você acha que uma criança de 16 anos deveria ter nas decisões de família?” (Uma grande parte, alguma, pequena, nenhuma.)

Analisando as respostas a estas perguntas chegamos aos seguintes quatro tipos:

TABELA 1  
Tipologia Básica da Influência Adolescente e Percentagem do Entrevistado Nacional em Cada Tipo

	Muita ou Alguma		Nenhuma
Quanta influência grande deveria uma pessoa de 16 anos ter?	Influentes	:	Rebeldes
	U.S. = 65% Alem. = 42%	:	U.S. = 15% Al. 14%
		:	
	(Privilegiado)		Submissos
pouca	U.S. = 12% Alem. = 18%	:	U.S. = 8% Al. = 26%
nenhuma			

Vale a pena dispendere um momento para considerar a significação desta análise. As duas perguntas concernem respectivamente com a própria influência percebida na idade de 16 anos e se uma pessoa de 16 anos deve ter influência ou não. Presumimos que se uma pessoa sente que em geral um adolescente de 16 anos deve ser influente, estenderá isto ao seu próprio caso: se êle teve influência, êle achará que isto é o certo, e nós o designamos de um “*influyente*”. Por outro lado, se uma pessoa acredita que os de 16 anos geralmente deveriam ter influência e verifica que sua própria situação é falha de influência, êle se ressentirá, e nós o chamaremos de “*rebelde*”. Ainda há muitos que acham que os de 16 anos deveriam ter pouca ou nenhuma influência em sua família: 20% dos americanos entrevistados e 42% dos alemães. Afirmaríamos que aquêles que acreditaram nisto e perceberam a sua própria

situação de falta de influência ficariam bem menos ressentidos, e na verdade achariam que era certo para eles se submeterem a esta situação de fato, surgindo o termo *submisso*. A quarta categoria lógica: aqueles que sentem que os de 16 anos geralmente não deveriam ter influência, mas percebem que a sua situação foi de influência, taxamos de privilegiados, mas, como mencionado acima, a lógica desta situação é de alguma maneira obscura e os prognósticos de como tais pessoas possam se comportar são incertos, e sendo assim, limitarei minha análise aos outros três tipos.

Uma outra observação faz-se necessária. Muitas pessoas relutam em criticar seus pais ou expressar desaprovção pelo seu comportamento mesmo que eles ressintam isto com bastante intensidade. Nossa tipologia evita uma crítica aberta, tal como a implícita na pergunta “Você estava satisfeito ou insatisfeito com o grau de influência exercido nas decisões de família quando você tinha 16 anos?” Assim, embora 18% dos americanos entrevistados, estivessem dispostos a dizer que estavam “satisfeitos”, apenas 7% dos alemães responderam desta forma. Esperávamos que nossa medida de “rebelião” estivesse de acordo com estas respostas, e não capturar algumas pessoas com ressentimentos que não pudessem exprimi-los. E esperávamos, infelizmente, perder alguns “rebeldes” naturais para quem a lógica de suas respostas lhes fôsse obscura, ou por alguma outra razão. A questão, é lógico, é se esta medida está ou não, na realidade, capturando o conjunto de atitudes e crenças, as quais uma pessoa pudesse pròpriamente pensar estar associada com os termos “influyente”, “rebelde”, “submisso”, que se pudesse dar a elas, e que foram descritos acima. Para descobrir isto podemos examinar a reação dos três tipos a outras perguntas sôbre sua situação de influência na juventude (Tabela 2).

Como uma validação da tipologia, e ignorando no momento as diferenças culturais, esta padronização está

TABELA 2  
Validação da Tipologia da Influência Adolescente: Percentagem de cada tipo com certas atitudes na Influência na Família e Compreensão Paterna.

	Insatisfeitos com o grau de influência na família	Achou melhor não se queixar das decisões desagradáveis	Queixas afetaram as decisões dos pais	Nunca se queixaram	Pais compreenderam as necessidades correspondentes
<i>Influentes</i>					
Estados Unidos	14%	18%	73%	18%	85%
Alemanha	3	11	84	25	85
<i>Rebeldes</i>					
Estados Unidos	39	64	18	43	55
Alemanha	23	52	31	57	50
<i>Submissos</i>					
Estados Unidos	16	70	13	64	78
Alemanha	8	53	23	54	68

adequada tanto nos Estados Unidos como na Alemanha. Será observado que os *influentes* em ambos os países têm o mais baixo grau de insatisfação com sua influência na família, a noção menor de que a melhor política é nunca se queixar, a maior confiança de que suas queixas fariam uma diferença, e de fato se queixam mais freqüentemente, e como uma correlata ou causa destas atitudes, acreditam que são mais bem compreendidos em casa.

Por outro lado, os rebeldes eram os mais insatisfeitos com suas influências nas famílias, e embora fôssem surpreendentemente veementes em terem sido compreendi-

dos, no entanto tiveram menos confiança do que os outros a êste respeito.

Finalmente, os submissos tinham a menor confiança que qualquer queixa afetaria as decisões da família e, talvez por esta razão, acharam que era melhor não se queixar. E, principalmente nos Estados Unidos, êles realmente se queixaram menos. Por outro lado, por serem mais dispostos que os rebeldes a acreditar que eram muito bem compreendidos pelos pais, êles podem ter sentido não sòmente que isto não adiantava, como também que era desnecessário. Seu estado de insatisfação com sua influência era, de qualquer modo, muito parecido com o dos *influentes*, e bem diferente da dos *rebeldes*.

#### O SENTIDO DE INFLUÊNCIA: CAUSAS E EFEITOS EM DUAS CULTURAS

Quando examinamos as causas e conseqüências políticas destas experiências adolescentes nos Estados Unidos e Alemanha, duas observações gerais são necessárias. Em primeiro lugar, por algumas das razões observadas acima, tendo em vista o método empregado (retrospecção) e a ambigüidade da teoria, não esperaríamos que ocorressem grandes diferenças: somos gratos pelas indicações padronizadas da direção das forças em ação. Segundo, comparando os efeitos nas duas culturas estamos muito mais impressionados pelas semelhanças do que pelas diferenças, embora uma diferença significativa na significação política da rebelião adolescente será apresentada no fim dêste trabalho.

Como pode ser visto na Tabela 1, há mais influentes nos entrevistados dos Estados Unidos, e mais submissos nos entrevistados alemães, enquanto existe cêrca do mesmo número de rebeldes em ambos. A diferença em sentido de influência na adolescência nos dois países está na direção que a literatura sugeriria e na qual o relatório de Almond-Verba nos levou a acreditar, mas a semelhança

na rebelião é de algum modo surpreendente. Por um lado os alemães são, segundo muitos relatórios, mais fáceis de aceitar autoridade, mas por outro lado, foi sugerido por Erikson que o menino alemão, ao menos, tende a se rebelar contra o pai na adolescência, e então, voltar a dobrar-se mais tarde.<sup>4</sup> Como indicado acima, procuramos evitar nos apoiar na expressão explícita de insatisfação na nossa medida (os rebeldes, recorda-se, são aqueles que acharam que os de 16 anos *deveriam* ter alguma influência, mas sentiram que não tinham nenhuma) de modo a sacudir uma rebelião *latente*. Muito mais americanos expressam insatisfação com sua situação de influência adolescente do que alemães, mas neste nível latente de esforço, parece haver mais ou menos a mesma proporção em cada país. Volvamos agora, em ordem, para algumas das causas e conseqüências de cada uma destas três situações de influência na adolescência.

#### O GÊNESIS DOS TRÊS TIPOS

O que é que produz estas três atitudes concernentes à influência do adolescente? Em nenhum dos dois países a diferença rural-urbana ou o tamanho da cidade tem qualquer efeito consistente, mesmo quando isto é uma medida do lugar onde se foi criado. Não temos dados disponíveis sobre o rendimento da família durante a adolescência, mas se o rendimento atual tem qualquer reflexo nisto, há apenas uma tendência muito moderada para os de melhores condições financeiras experimentarem este sentido de influência apropriada e isto apenas nos Estados Unidos. Não há um padrão definido entre os grupos ocupacionais; ao menos o nível da ocupação atual parece quase irrelevante, quando controlado pela educação. Curiosamente, não há consistente diferença entre homens e mulheres na Alemanha, e nos Estados Unidos há apenas

---

4) ERIK ERIKSON, *Childhood and Society* (New York, Norton, 1950) pp. 289-294.

uma ligeira diferença. Na Alemanha são as mulheres que se sentem mais satisfeitas com sua influência adolescente e que sentem que os outros deveriam ter também (Tabela 3 B).

As coisas que fazem diferença são educação, idade, e religião, sendo a educação a mais forte e mais persistente influência em ambos os países (Tabela 3). Quanto mais educada mais disposta está uma pessoa para lembrar de ter tido influência na família como adolescente e desejá-la também para outros. *Submissos* tendem ser os de menos educação, com os rebeldes se colocando entre uns e outros. Isto significa que, ao menos em retrospecto, aqueles que freqüentavam a escola na idade de 16 anos eram mais influentes em suas famílias do que os que estavam trabalhando, mas o mais importante é que aqueles que vieram de lares onde os pais proviam a seus filhos uma educação mais elevada eram provavelmente, de fato, melhor tratados. Há, também, a possibilidade de que adolescentes que continuam sua educação são mais responsáveis e rascáveis — suas queixas são dignas de atenção. (Já que a ocupação é tão tênueamente relacionada em nossa tipologia, parece inadmissível que mais altos níveis de adultos conduzam para uma recordação da adolescência selecionadamente mais favorável; podemos aceitar a relação padronizada da educação como refletindo situações reais de adolescência, ao menos até certa extensão.)

A idade de uma pessoa nos diz duas coisas de relevância; nos diz algumas coisa sobre ela *agora*, e nos diz alguma coisa sobre o período histórico de sua juventude. Em geral, podemos esperar que o processo de envelhecimento teria praticamente efeitos semelhantes nos Estados Unidos e na Alemanha; assim sendo o fato de que não há relação entre a idade e os sentimentos sobre a influência do adolescente nos Estados Unidos sugere que uma verdadeira influência na Alemanha tem alguma coisa que ver com os padrões de transformações históricas e

TABELA 3

Relação da Educação, Sexo, Idade, e Religião na Tipologia da Influência do Adolescente: Percentagem dos Entrevistados nacionais em Cada Tipo Dentro dos Níveis Educacionais.

A — EDUCAÇÃO											
Influente	47.0%	71.4%	78.0%	37.0%	64.1%						
Rebelde	21	14	8	15	9						
Submisso	16	3	2	29	10						
Outros	16	11	11	18	17						
N	(298)	(413)	(181)	(691)	(145)						
B — SEXO											
Estados Unidos						Alemanha					
	Primário		Secundário		Algum M. Alto		:	Primário		Ao menos Alguns Secundários	
	M	F	M	F	M	F	:	M	F	M	F
Influente	41%	53%	71%	71%	77%	81%	:	37%	37%	65%	64%
Rebelde	19	23	11	16	11	5	:	15	16	10	7
Submisso	18	15	2	4	0	5	:	28	28	8	12
Outro	22	9	15	8	13	9	:	19	18	17	17
N	(150)	(148)	(158)	(255)	(103)	(78)	:	(306)	(385)	(87)	(58)
C — IDADE											
Estados Unidos											
	Primário			Secundário			Algum mais alto				
				Acima							
	18-35	36-60	60	18-35	36-60	60	18-35	36-60	Acima 06		
Influente		49%	55%	38%	80%	69%	53%	85%	72%	82%	
Rebelde		26	16	25	10	17	22	5	11	9	
Submisso		11	16	19	1	3	12	0	3	4	
Outro		18	13	18	9	11	13	10	14	4	

TABELA 3 (Continuação)

## Alemanha

	Primário			Ao Menos Secundário		
	18-35	36-60	Acima 60	18-35	36-60	Acima 60
Influente	46	37	23	73	61	44
Rebelde	12	17	17	7	10	12
Submisso	18	29	46	42	13	25
Outro	23	17	14	18	16	19

## D — RELIGIÃO

	Estados Unidos				Secundário				Alguns Mais Alto			
	Primário											
	Nenh.	Prot.	Cat.	Jud.	Nenh.	Prot.	Cat.	Jud.	Nenh.	Prot.	Cat.	Jud.
Influente	42	50	37	.	.	73	63	73	80	85	72	56
Rebelde	42	19	23	.	.	12	21	27	10	4	8	28
Submisso	8	14	24	.	.	3	5	0	0	3	.3	0
Outro	8	17	16	.	.	11	11	0	10	7	18	17
N	(12)	(215)	(62)	(8)	(8)	(299)	(84)	(15)	(10)	(110)	(39)	(18)

## Alemanha

	Nenh.	Primário		Ao Menos Secundário		
		Prot.	Catol.	Nenhuma	Protest.	Catol.
influente	30	42	32	.	65	58
Rebelde	15	15	16	.	6	16
Submisso	35	25	32	.	6	16
Outro	20	17	19	.	22	9
N	(20)	(343)	(311)	(7)	(94)	(43)

.) Número insuficiente de casos

familiares. Na Alemanha, quanto mais velha a pessoa é, mais apta está a ser submissa ou rebelde e menos passível de ser um *influyente*. Com efeito, aprove ou não a influência adolescente em geral, quanto mais velha fôr, mais disposta estará a achar que ela mesma não teve muita influência. E esta progressão ocorre durante o período pré-nazista, nazista e pós-nazistas. Imagina-se se uma influência adolescente aumentada é um produto necessário do que tem sido chamado de modernização, isto é, urbanização crescente, industrialização e riqueza *per capita*.

Em todos os níveis educacionais em ambos os países a religião faz uma diferença importante: O Protestantismo, em contraste com o Catolicismo, está associado com um sentido de apropriada influência adolescente. O inverso é também verdadeiro, em ambos os países, em todos os níveis educacionais, os católicos são mais passíveis de ser *submissos*, ou rebeldes — neste sentido limitado de adolescente. De algum modo, não explicado facilmente, a Reforma e sua tradição moderna parece ter dado maior liberdade e autoridade à sua juventude. Seria interessante ter esta medida no correr do tempo,<sup>5</sup> uma vez que a evidência numa qualidade correlata, a necessidade de obter, sugere que o que era antes uma diferença substancial entre católicos e protestantes na Alemanha tornou-se, pelo menos agora, muito menos importante.<sup>6</sup> Talvez seja verdade que em alguns assuntos a Igreja Católica tem sido “protestantizada”, mas persiste a diferença entre a influência adolescente católica e a protestante na família.

#### O CENTRO DA AUTORIDADE EM FAMÍLIA

Mas, afinal de contas, e nas íntimas relações entre pais e filhos que o sentido de apropriada influência é

---

5) Veja como exemplo, *ibid.*, p. 247.

6) DAVID C. MC CLELLAND, *The Achieving Society* (New York, Van Nostrand, 1961), pp. 360-362.

gerado, e isto, naturalmente, na área onde é mais difícil conseguir boa informação. É o lar dominado pelo pai (onde pelo menos ele é visto tomando as decisões importantes) ou o lar dominado pela mãe, ou o lar onde ambos são vistos coordenados em autoridade? Nos Estados Unidos é bem claro: ambos meninos e meninas estão mais predispostos a desenvolver este sentido de influência onde a autoridade é dividida entre os pais (com uma exceção, Tabela 4). Similarmente, para ambos os sexos em todos os níveis educacionais, sentimentos de rebelião são *mais* passíveis de serem gerados em lares dominados pelo pai. Na Alemanha, por outro lado, há um padrão bem menos consistente de formação. Na verdade, as relações são leves. Por causa da variação entre grupos de educação e entre os sexos na Alemanha, mas não nos Estados Unidos, parece que a socialização americana é muito mais homogênea — a mesma influência produz os mesmos efeitos, independente de classe ou sexo. Para ambos os países, embora muito tênue para a Alemanha, a evidência sugere que rapazes em todos os níveis educacionais acham difícil experimentar um sentido apropriado de influência nos lares onde o pai claramente toma as decisões mais importantes. E é importante observar, o lar dominado pelo pai é mais comum na Alemanha do que nos Estados Unidos (Tabela 5). Uma vez que não está inteiramente claro por que os alemães deveriam ter uma opinião errônea sobre quem toma as decisões domésticas importantes mais do que os americanos; na verdade, se os partidários da teoria da “Terra do Pai” estão certos,<sup>7</sup> a Alemanha, deveria exagerar a influência paterna; somos inclinados a aceitar esta evidência como uma modificação valiosa das crenças atuais de socialização.

---

7) Veja BERTRAM H. CHAFFNER, *Father Land, A Stud of Authoritarianism in the German Family* (New York, imprensa da Universidade de Columbia, 1948).

TABELA 4

Centro do Poder Paterno, por Tipologia da Influência Adolescente: "De uma maneira geral, como eram tomadas as decisões em sua família?"

A — Estados Unidos						
Masculino						
	Primário			Ao Menos Algum Secundário		
	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>	<i>Juntos</i>	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>	<i>Juntos</i>
Influentes	34	31	49	66	67	82
Rebeldes	29	8	18	18	15	5
Submissos	17	31	15	1	5	1
Outro	19	31	18	14	12	12
N	(41)	(13)	(72)	(77)	(40)	(108)

  

Feminino						
	Primário			Ao Menos Algum Secundário		
	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>	<i>Juntos</i>	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>	<i>Juntos</i>
Influentes	42	59	55	62	60	82
Rebeldes	37	11	20	21	31	7
Submissos	12	18	15	11	0	7
Outro	7	11	10	5	9	8
N	(40)	(27)	(60)	(56)	(45)	(171)

B — Alemanha						
	Primário			Ao Menos Algum Secundário		
	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>	<i>Juntos</i>	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>	<i>Juntos</i>
Influentes Masc.	37	47	36	57	.	68
Rebeldes Masc.	22	9	13	11	.	9

.) Número insuficiente de casos

TABELA 5

Percentagem dos Modelos Nacionais dos Estados Unidos e Alemanha Relatando Decisões de Família Tomadas pelo Pai, Mãe ou Ambos em Conjunto.

	<i>Estados Unidos</i>	<i>Alemanha</i>
Pai tomava as decisões .....	28%	32%
Mãe tomava as decisões .....	17	14
Juntos tomavam as decisões .....	55	54
<b>Total</b> .....	<b>100%</b>	<b>100%</b>

ATITUDES INTERMEDIÁRIAS

Se a experiência da influência na adolescência, e a reação de uma pessoa a ela, afetar as decisões posteriores da vida, deveria modificar a opinião desta pessoa no mundo social. E até certa extensão isto é verdadeiro. Assim os *influentes* em ambos os países, apoiados pelas próprias experiências em tais assuntos, são mais passíveis de discordar com a declaração: “Ninguém se importará muito quando alguma coisa acontecer com você” (Tabela 6 A). Nos Estados Unidos são mais passíveis de acreditar que “pode-se confiar numa pessoa”, e há em ambos os países uma tendência muito leve para se ser mais entusiasta pela natureza humana. Todavia não deveríamos esperar que os submissos fôssem desconfiados; afinal de contas, sua experiência em submissão não era aparentemente desagradável. Embora eles não achem que as pessoas querem se aproveitar deles. É a natureza relativamente entusiasmada dos rebeldes que é surpreendente (dados não fornecidos).

Tendo influência experimentada e apreciada, os *influentes* de todos os níveis educacionais em ambos os países são mais dispostos a discordar com o ponto de vista que “Uns poucos líderes fortes fariam mais por este país do que todas as leis e conversas”, enquanto os outros vêem mais vantagem na idéia de um líder forte (Tabela 6 B).

Finalmente, com respeito a um sentido de compreensão, e por isto mesmo, controle, de assuntos políticos, é claro que os *influentes* têm o máximo e os *submissos* o mínimo, com os rebeldes geralmente em algum lugar entre os dois. Isto é verdadeiro, com vários padrões, de fontes locais e nacionais, em ambos os países (dados não fornecidos). Segue logicamente, e também empiricamente, em nossos dados, que os *influentes* são mais passíveis de discordar com a opinião que “gente como eu” não tem opinião sobre o que o governo faz (Tabela 6 C).

Em resumo, então, parece que o sentido de apropriação da influência na adolescência tende, embora de alguma maneira sutil, a aumentar o sentimento de que outras pessoas se preocupam com você, dando-lhe um sentido de compreensão dos assuntos complexos e influência sobre eles, e afasta de uma busca por um líder forte que carregue o fardo do seu país.

#### PARTICIPAÇÃO NOS ASSUNTOS CÍVICOS

Dos três tipos de pessoas que aqui estão sendo discutidas, esperaríamos que aqueles com nenhuma experiência de influência, que também acreditam que os adolescentes geralmente *não* deveriam ter tal experiência, os submissos, devessem participar menos. E é o que acontece. Em ambas as culturas o submisso é mais passivo de se abster de votar, menos disposto a falar de política, menos apto a acompanhar os acontecimentos políticos e governamentais, e, nos Estados Unidos, menos apto para ser líder dos grupos a que pertence (Tabela 7).

Mas o problema interessante é o padrão de participação que se pode esperar dos influentes e rebeldes. Afinal de contas, cada um tem uma base psicológica para participação; o influente por ter tido experiência e por isto a confiança em si próprio para tê-la, o rebelde porque, embora lhe falte experiência, ele sente que deveria ter tido. Como observo das conclusões acima mencionadas sobre os submissos, logicamente é de se esperar que ambos façam, votem, falem e acompanhem mais do que estes *submissos*.

Da maneira que isto se desenvolve, não há diferença sistemática em não votantes entre *influentes* e *rebeldes*, mas há outras diferenças. Em ambas as culturas, há uma ligeira tendência para os *influentes* acompanharem os assuntos públicos mais do que os rebeldes (Tabela 7 B) e há em ambas as culturas uma tendência constante para influentes assumirem maior liderança em suas organiza-

TABELA 6

Situações de Influência Adolescente e Certas Atitudes em Face da Natureza Humana, Líderes, A Complexidade da Política, e Influência: Percentagem de Cada Tipo com as Atitudes Indicadas.

A — “Ninguém se importará muito quando alguma coisa acontecer com você.” Percentagem em desacôrdo:

	Estados Unidos			Alemanha	
	Primário	Secundário	Educação Mais Elev. :	Primário	Ao menos algum Secundário
Influentes	44	70	82	22	32
Rebeldes	42	62	67	15	8
Submissos	22	36	75	13	29

B — “Uns poucos líderes fortes fariam mais por êste país do que tôdas as lei e conversas.” Percentagem em desacôrdo:

	Estados Unidos			Alemanha	
	Primário	Secundário	Educação Mais Elev. :	Primário	Ao menos algum Secundário
Influentes	46	61	68	37	44
Rebeldes	34	53	66	33	38
Submissos	35	14	25	29	42

C — “Gente como eu não tem opinião sôbre o que o Govêrno faz.” Percentagem de acôrdo:

	Estados Unidos			Alemanha	
	Primário	Secundário	Educação Mais Elev. :	Primário	Ao menos algum Secundário
Influentes	45	29	9	68	48
Rebeldes	61	45	27	72	69
Submissos	73	57	25	75	64

TABELA 7

*Influência Adolescente e Padrões Políticos de Participação por País e Educação: Percentagem de Tipo com suas características*

	(A) NÃO-VOTANTES						(B) NUNCA ACOMP. ACONT. POLIT.					(C) NUNCA DISCUTEM POLÍTICA				(D) FUNCIONÁRIOS DE ORGANIZAÇÃO				
	U.S.			Alem.			U.S.			Alem.		U.S.		Alem.		U.S.			Alem.	
	Prim.	Sec.	Elev.	Prim.	Sec.	Elev.	Prim.	Sec.	Elev.	Prim.	Sec.	Prim.	Sec.	Prim.	Sec.	Prim.	Sec.	Elev.	Prim.	Algum Secund.
Influentes . . . . .	34	14	11	4	6	21	15	2	20	6	35	17	5	34	15	24	26	56	9	16
Rebeldes . . . . .	38	9	29	4	0	34	12	7	26	8	50	17	20	37	23	8	20	47	6	8
Submissos . . . . .	41	27	*	7	10	49	27	*	36	14	35	36	*	53	14	8	7	*	3	7

(\*) número insuficiente de casos.

ções do que acontece com os rebeldes (Tabela 7 D). Quanto a falar de política, ficou claro em ambos os países que em qualquer nível educacional há uma modesta tendência para os influentes de falar mais do que os rebeldes (Tabela 7 C) e em ambos os países, em qualquer grupo educacional os influentes têm um número substancialmente maior de pessoas com quem eles se sentem com liberdade de falar em política (dados não fornecidos).

Fora o ato de votar, concluiu-se que num campo razoavelmente amplo de atividades, o influente é mais dado a participar do que o rebelde. Ressentimentos por terem sido inadequadamente influentes na juventude não conduzem usualmente à política — exceto, talvez, sob a influência de uma combinação especial de liderança carismática, e, talvez, ímpetus mais destrutivos que os que foram comuns em pós-guerra na Alemanha e nos Estados Unidos. Neste ponto, dever-se-ia notar, entretanto, que em nenhum país há muita diferença entre os dois grupos em sua escolha de “organizar uma demonstração de protesto” como um método de influenciar o governo (dados não mostrados).

#### DIREÇÃO E COMPANHEIRISMO

Como observamos anteriormente, há razões para acreditar que os influentes deveriam seguir de perto a tradição de seu grupo (empregados de trabalhos manuais para a esquerda, funcionários de escritório para a direita etc) ou devessem transcendê-la, ou ser mais liberal, independente do seu modo de vida especial; há razões para pensar que os rebeldes pudessem afastar-se da tradição de seu grupo (paterna) ou que eles pudessem volver para alguma norma radical nacional, ou pudessem tornar-se apáticos amargurados e isolados (embora os resultados da pesquisa de participação negassem isto). Há também, razões para pensar nos submissos como, mais do que os outros, ligados à tradição do seu grupo, ou mais na tra-

dição nacional conservadora. E, naturalmente, para combinar as teorias em conflito, há tendências em conflito reveladas nos dados obtidos.

Até onde nosso estudo chega, a situação americana é razoavelmente clara: os influentes e os submissos tendem a ser de alguma maneira semelhantes em seu padrão de conformidade de grupo, embora talvez por diferentes razões. Os *rebeldes*, por outro lado, tendem em cada grupo educacional, em votar mais fora do grupo tradicional da sua classe sócio-econômica. Eles não são, relativamente aos outros, consistentemente mais dados a ser ou republicanos ou democratas, mais “esquerda” ou “direita”. Isto tende a suportar a mais plausível opinião: sentimentos adolescentes de rebelião se concentram mais sobre a diferenciação de seus pais, do que qualquer ramo particular de política — direita ou esquerda. Nos Estados, a rebelião é contra uma convenção social imediata e as pessoas que a compõem, e não contra a autoridade do estado de “O Estabelecimento”. É rebelião contra os representantes da autoridade próxima, não as distantes em Washington ou Wall Street, ou seja lá qual fôr. Isto é congruente com as conclusões de Maccoby e de outros e representa, então, uma confirmação da pesquisa prévia.<sup>8</sup>

Mas a situação da Alemanha é bem diferente, e a princípio, de algum modo anômala. Visto que nos Estados Unidos os submissos tendem a ser como os *influentes*, isto é, a acompanhar as normas de seus grupos sociais, na Alemanha os submissos tendem a votar mais com os direitistas (CDU, DRP, FDP), independente da tendência do grupo. A relação é leve, mas em três das quatro possíveis comparações (Católicos com Nível Baixo de Educação, Protestantes com Nível Baixo de Educação, Trabalhadores Manuais de Baixo Nível de Educação e Funcionários de Escritório de Baixo Nível de Educação), os submissos têm a mais alta proporção de votar na “direita” e em quarto

---

8) E. E. MACCOBY et al, *op. cit.*

êles são mais ou menos o mesmo que os *influentes* nas suas tendências direitistas (Tabela 8).

TABELA 8

Percentagem de Voto Direitista em Três Tipologias de Influência Adolescente, por Tradições Políticas de Grupo (Educação Primária Apenas)

	<i>Influentes</i>	<i>Rebeldes</i>	<i>Submissos</i>
<i>Estados Unidos</i>			
Trabalhadores manuais	47%	60%	33%
Empregados de escritório	78	50	(56)
<i>Alemanha</i>			
Trabalhadores manuais	33	19	50
Empregados de escritório	57	67	73
Protestantes	42	34	41
Católicos	65	69	77

( ) base menos que 10.

Suponhamos que isto representa uma diferença genuína entre as duas culturas. O que faria o grupo modal submisso americano e o *submisso* alemão nacionalmente

direitista? Uma possibilidade poderia ser a maior capacidade de aceitar ordens ou conformismo do americano; na Alemanha *c submisso* segue uma linha mais condizente com as dos membros de seu grupo, tradições de grupo, grupo de amigos, não de autoridades nacionais, tradição nacional, cu ideologias explícitas apreendidas na infância, como é mais verdadeiro para o caso alemão. Esta capacidade de reagir favoravelmente às opiniões de outros que estão perto, em contraste com as normas internalizadas, tem sido considerada característica da América, quando comparada à Alemanha, e certamente em contraste com as outras nações ainda mais tradicionais. Em essência, então, nos Estados Unidos a pessoa que apreendeu submissão como um adolescente se submete à autoridade de seu grupo imediato ou afastado, na Alemanha ele se submete a algum código nacional tradicional internalizado, melhor representado pelo partido conservador, indiferente à classe ou religião que sua tradição possa ser.

Mas o padrão de voto do rebelde na Alemanha apresenta um problema mais difícil, na verdade algo parecido a um quebra-cabeça. Certamente ele não é geralmente mais esquerdista, mesmo dentro da respectiva religião ou tradições de classe social. Talvez ele seja mais heterodoxo, no sentido de que, qual seja sua tradição de grupo, o rebelde tende, mais do que os outros, para violá-la ou transcendê-la. Este foi o padrão americano; seria perfeitamente plausível. No caso americano, em seis possíveis (mas não totalmente independentes) comparações (mostramos o *rebelde* como *menos* ortodoxo para a tradição política própria de grupo do que o *influyente*). Mas na Alemanha, justamente o *contrário*: em sete possíveis (embora novamente não totalmente independentes) comparações, o *rebelde* era *mais* ortodoxo em seis deles (Tabela 9), as diferenças são geralmente leves, mas o padrão é espantosamente persistente.

Os Rebeldes Americanos tendem a ser heterodoxos; os rebeldes alemães tendem a ser ortodoxos.

TABELA 9

Porcentagem de Tipos de Adolescentes que votam na Tradição "Ortodoxa" de Grupo: isto é, Trabalhador Manual na Esquerda; Empregados de Escritório na Direita; Protestantes Alemães na Esquerda; Católicos Alemães na Direita.

	<i>Estados Unidos</i>				<i>Alemanha</i>			
	Influentes		Rebeldes		Influentes		Rebeldes	
Apenas Educ. Prim.	%	N	%	N	%	N	%	N
Trab. Man. Esquerd.	53	(25)	40	(10)	67	(26)	81	(13)
Empr. Escr. Dir.	78	(25)	[50	( 5)]	57	(17)	[33	( 6)]
Combinação de Trab. Man. Esq. e Empr.								
Escrit. direitistas	63	(50)	43	(15)	62	(43)	76	(19)
Ao menos alguma Educação Secundária								
Trab. Man. Esquerd.	40	(39)	43	(12)	.		.	
Empr. Escr. Dir.	74	(146)	71	(15)	.		.	
Combinação de Trab. Man. Esq. e Empr.								
Escrit. direitistas	62	(185)	57	(27)	.		.	
Educação Primária								
Protestantes Esq.					58	(50)	66	(27)
Católicos Direitistas					65	(42)	69	(20)
Combinação de Protest. dir. e catcl. esquerd.					61	(92)	67	(47)
Ao menos alguma Educação Secundária								
Combinação de Protest. esq. e catol. direit.					31	(15)	[67	( 6)]

\*) Muito poucos casos. Os dados alemães disponíveis na ocasião da redação não incluíam a ocupação do chefe de família se o correspondente era "desempregado", e por isto as donas de casa foram omitidas desta tabela.

Obviamente, já que isto era parcialmente inesperado (mas veja p. 3, item "f" acima), o reverso de uma teoria relevante e exatamente o inverso da experiência americana, qualquer esforço explanatório deve levantar uma nova série de considerações. Por que isto deveria accn-

tecer? Uma boa possibilidade é que isto é um artefato das medidas; mas sua atuação de acôrdo com (algumas de) nossas previsões nos Estados Unidos faz com que isto seja um pouco menos provável. As possibilidades que o padrão poderia acontecer por acaso são substanciais (uma medida posterior esclarecerá isto), mas não decisivas. Mas talvez haja uma solução na declaração de Erikson mencionada acima, que o adolescente masculino tende a ser mais rebelde (mais que os americanos) contra seus pais, mas então, volta a se curvar e se adaptar ao molde paterno, torna-se um pai como seu próprio pai. Isto é, a culpa da rebeldia pode ser bastante grande para criar uma força contrária que devolva o rebelde à tradição paterna.

Há algumas razões para acreditar nisto em nossos dados e observações. Em primeiro lugar, deveria ser recordado que muito menos alemães do que americanos estavam desejosos de dizer abertamente que estavam insatisfeitos com sua situação de influência na adolescência, e, na verdade, muito poucos se queixaram ou pensaram que adiantaria se queixar. No entanto, com nossas pesquisas encontramos tantos rebeldes latentes nos alemães entrevistados quanto nos americanos. De pronto, parece que estas pessoas que acreditam que os adolescentes deveriam ter influência, mas elas mesmas não tiveram nenhuma, estão escondendo alguma coisa, estão se portando como se estivesse, relutantes em expressar seus sentimentos de rebelião, talvez mesmo eles se sintam culpados sobre isto. E quando vemos que embora 39% dos rebeldes americanos *expressaram* abertamente insatisfação com sua influência adolescente enquanto apenas 23% dos rebeldes alemães assim o fizeram (Tabela 2) parece perfeitamente claro que alguma força influi, a qual poderia, durante o curso do amadurecimento, trazer uma pessoa de volta à obediência paterna, política e qualquer outra, com alguma força de compulsão. Por esta razão eles são *mais* ortodoxos do que os *influentes* e são superconformistas.

## SUDÁRIO DE IMPLICAÇÕES

Na discussão prévia desenvolvi uma tipologia de experiência de influência adolescente e certas respostas a ela de adultos designados para medir (a) um apropriado sentido de influência na adolescência, o *influyente* (b), um sentido de apropriada falta de influência, o *submisso*, e (c) o sentido da inapropriada e ressentida falta de influência, o *rebelde*. De modo geral, estas medidas parecem capturar para cada tipo uma síndrome de atitude que representa uma idéia intuitiva do que êles deveriam ser. Três tipos básicos de perguntas foram exploradas: 1) Que espécie de causas produz êstes tipos? 2) Como elas afetam a participação? 3) Como afetam elas o companheirismo?

*Causas* — A forte relação entre a influência no adolescente e a educação sugeriu, a princípio, que mais educação simplesmente cria na pessoa educada um sentido de generalizada influência na sociedade, um sentido que se projeta de volta à adolescência; as últimas experiências educacionais afetam memórias da mais anterior experiência do adolescente. Isto é provávelmente verdadeiro, mas desde que o nível ocupacional (o qual deveria criar um sentido similar de influência) não está relacionado a estas memórias, outros fatores devem ser importantes, bem como, entre êles, dois mais importantes. Eu arriscaria a suposição de que a família que dá valor à educação também valoriza as crianças e as opiniões das crianças. Êstes valores são correlatos. Em segundo lugar, a criança que deixa a escola muito cedo é um tipo de criança diferente daquela que continua a sua educação. As “queixas” das que vão adiante podem ser mais dignas de atenção.

Por que é que há uma forte relação entre a idade e a tipologia de influência adolescente na Alemanha, mas quase nenhuma nos Estados Unidos? Poderia ser que os Estados Unidos, sem os resíduos de uma organização feudal a ser destruída e vencida através difícil trauma histórico, passou pelos últimos cinquenta anos com bem

menos mudanças nas relações sociais do que aconteceu na Europa e especialmente na Alemanha? McClelland achou que as sociedades modernizadas são mais influenciáveis por outros que outras sociedades, seus membros mais sensíveis a opiniões dos outros.<sup>9</sup> Almond e Verba acharam que o americano acredita muito mais nos outros do que o alemão, italiano ou mexicano.<sup>10</sup> Parte do processo de modernização é, então, uma aceitação crescente das opiniões, influência e honradez de outros. E isto inclui filhos e filhas adolescentes. As diferenças de idade na Alemanha podem, talvez, refletir este aspecto de modernização, um movimento, se posso dizer assim, a favor da posição americana estabelecida há alguns anos.

Discuti a idéia de que a forte relação entre Protestantismo e influência no adolescente nas duas culturas é parte do movimento geral protestante para deixar os homens (incluindo a família) livres de restrições institucionais. Se um homem pode ser influenciado diretamente por Deus, sem mediação de outra autoridade (Igreja), ele pode sofrer menos influência de autoridades tais como os pais. Mas será que o contrário também ocorre? Será a reforma protestante em parte um produto do sentido crescente de que a juventude pode modificar a autoridade paterna? Kardiner diz que a religião é em grande parte a projeção das relações sociais.<sup>11</sup> Se é assim, que diremos das mudanças religiosas que a revolução moderna nas relações sociais podem apresentar?

Estas são influências indiretas da sociedade na liberdade e autoridade do adolescente; elas funcionam através do comportamento dos pais. Pelo menos nos Estados Unidos, onde os pais dividem entre si a autoridade, dividem também com suas crianças. Mas na Alemanha não é exatamente o caso. Acaso significará isto que a decisão

---

9) D. C. MC CLELLAND, *op. cit.*, pp. 192-197.

10) G. A. ALMOND e S. VERBA, *op. cit.*, p. 267.

11) ABRAM KARDINER, *The Psychological Frontiers of Society* (New York, imprensa da Universidade de Columbia, 1945), pp. 38-46.

tomada em conjunto pelos pais na Alemanha é mais como gerência conjunta de adultos nos negócios nos quais as crianças não participam? Na Alemanha pais e mães são mais freqüentemente vistos decidindo juntos como votar do que nos Estados Unidos, onde êles são mais vêzes vistos tomando esta decisão individualmente (embora, naturalmente, êles usualmente concordem)<sup>12</sup>

A natureza particular da solidariedade da família na Alemanha pode incluir uma série de restrições que a criança alemã, imbuída de uma lealdade familiar e mesmo uma ideologia, encara como apropriadamente adequada. Assim a “união” de decisões da família germânica implica em algo diferente do que é implicado pelas decisões tomadas em conjunto da família americana. Talvez haja mais liberdade para a criança alemã quando os pais não decidem os assuntos conjuntamente. “Divida e reja” é uma máxima que as crianças, tão bem quanto os imperadores, podem apreender.

*Participação* — Um sentido de apropriada influência na adolescência, e a experiência que ela dá, é uma base melhor para participação do que o ressentimento sobre a falta de influência. Na política democrática, pelo menos, como observamos em todos os lugares, relações de pai-filho prejudicadas tendem a inibir a participação,<sup>13</sup> particularmente onde o pai não está interessado em política. Agora parece mais comumente verdadeiro, tão como em outras culturas, que as relações pai-criança prejudicadas têm maior possibilidade de conduzir para fora de política do que de volta à luta; com exceção, é lógico, da linha radical.<sup>14</sup> Nos termos mais simples isto pode ser expresso no seguinte: aprende-se a usar influência democrática por

---

12) Dados não publicados do estudo de Almond e Verba.

13) ROBERT E. LANE, “Pais e Filhos; Fundações da Crença Política”, *American Sociological Review*, 24, 1959, pp. 501-511.

14) Veja GABRIEL A. ALMOND, *The Appeals of Communism* (Princeton, N. J., imprensa da Universidade de Princeton, 1954), pp. 258-294.

um exercício prematuro de influência democrática; acredita-se no que se conhece.

*Companheirismo* — A diferença entre as escolhas políticas alemã e americana são, talvez, as mais interessantes para serem descobertas por êstes dados, embora deva ser esclarecido que a evidência é de alguma maneira muito leve. Enquanto os *submissos* nas duas culturas são os menos dados a participar, êles participam em direções de algum modo diferentes. Os *submissos* alemães tendem a se submeter a um padrão nacional de autoridade, à tradição alemã, não tradição do grupo, ao conservantismo do “Estabelecimento”. Enquanto o *submisso* americano tende a adotar os padrões modais do seu grupo, o alemão tende a se submeter à autoridade da classe dominante. O *submisso* americano é orientado pelo grupo, sua identidade é a identidade de grupo; o *submisso* alemão é orientado pela nação; sua identidade é a identidade nacional.

As diferenças entre o alinhamento político do *rebelde* adolescente alemão e americano (em nosso sentido limitado) se adapta com esta interpretação geral, e no entanto também serve como uma modificação. O *rebelde* americano tende a desviar-se das normas do grupo dos pais; o *rebelde* empregado em trabalhos manuais tem mais possibilidade de tornar-se um republicano do que outros empregados em trabalhos manuais, o *rebelde* funcionário de escritório é mais dado a votar com os democratas. Os alvos de sua rebelião são a tradição e as pescas que estão associadas com o contrôle paterno desaprovado. Além disso, êle demonstra seus sentimentos sem demasiado senso de culpa; todo o tempo êle estêve apto e desejoso de expressar, mais do que o alemão, seus sentimentos de ressentimento.

Mas o *rebelde* alemão tende, mais do que seu pai, a retornar à tradição paterna de um modo exagerado. Se êle é um trabalhador manual, êle será mais predisposto a votar no partido socialista do que outros trabalhadores;

se êle é protestante, é mais passível de votar com os socialistas do que outros protestantes; se é católico, votará com mais facilidade nos democratas cristãos, ou FDP ou DIP. O rebelde transgride seu próprio idealismo anterior. Erikson escreve “esta separação regular entre a rebelião individualista precoce e desiludida e cidadania obediente foi um fator forte na imaturidade política dos alemães: esta rebelião adolescente foi uma explosão do individualismo e do espírito revolucionário. . . Uma vez firmemente estabelecida a autoridade patriarcal no princípio da infância, pode-se dar corda ao jovem: êle não se permite ir longe”.<sup>15</sup> E maior número dêles volta para “casa” politicamente, do que se nunca tivesse se revoltado.

---

15) E. ERIKSON, *op. cit.*, p. 293.